

Domingos Vandelli: mediador de dois mundos

Letícia Julião^{*}

Marta Eloísa Melgaço Neves^{**}

Verona Campos Segantini^{***}

Recebido em: 23/05/2018

Aprovado em: 25/05/2018

^{*} Doutora em História, mestre em Ciência Política e graduada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora adjunta da Escola de Ciência da Informação. Atua no curso de graduação em Museologia e nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação (ECI/UFMG), Mestrado Profissional em Educação (Promestre/FaE) e Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordena a Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG, gestão 2018-2019.

^{**} Mestre em Ciência da Informação e graduada em História pela UFMG. Professora assistente da Escola de Ciência da Informação, onde atua no curso de graduação em Arquivologia e é chefe do Departamento de Organização e Tratamento da Informação.

^{***} Doutora e mestre em Educação, graduada em História pela UFMG e em Design de Ambientes pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Professora adjunta da Escola de Belas Artes. Atua no curso de graduação em Museologia e no Mestrado Profissional em Educação (Promestre/FaE). Coordena o Centro Virtual de Memória da Extensão (Cevex/Proex/UFMG).

Resumo

O artigo analisa a figura do naturalista paduano Domingos Vandelli (1735-1816) em uma nova perspectiva. Documentos inéditos confrontados com outros já estudados pela historiografia permitiram reconhecê-lo como sujeito de ações determinantes para a história das coleções no Brasil. Sua trajetória é compreendida como estruturante e referencial de práticas colecionistas na América portuguesa, a partir da segunda metade do século XVIII. No contexto de rearticulação da lógica imperial, marcado pelas reformas pombalinas, Vandelli atuou como mediador entre a ciência ilustrada, a corte portuguesa e o império luso-brasileiro, contribuindo para estreitar a aliança entre o conhecimento e o pragmatismo econômico. Alguns aspectos são destacados em sua trajetória: a formação na Universidade de Pádua; a intensa correspondência que mantém com Lineu; o uso da ciência da natureza no terreno da administração colonial; e o papel que desempenha inserindo a América portuguesa nessa rede de circulação de coleções e saberes.

Palavras-chave

Domingos Vandelli; colecionismo; América portuguesa; coleções brasileiras.

Abstract

This article offers a new perspective on the Paduan naturalist Domingos Vandelli (1735-1816). Unpublished documents confronted with others already studied by historiography enable recognizing that his actions were determinant for the history of the collections in Brazil. His trajectory is understood as structural and referential to collection practices in the Portuguese America, from the second half of the 18th century. In the context of the rearticulation of the imperial logic, marked by the Pombaline reforms, Vandelli acted as a mediator between the Enlightenment science, the Portuguese court, and the Portuguese-Brazilian Empire, helping to strengthen the alliance between knowledge and economic pragmatism. Some aspects are highlighted in his trajectory: his formation at the University of Padua, the intense correspondence he maintained with Linnaeus, the use of the science of nature in the field of colonial administration, and the role he plays in inserting Portuguese America in this circulation network of collections and knowledges.

Keywords

Domingos Vandelli; collecting; Portuguese America; Brazilian collections.

Um hábil naturalista no império português

Quando se aborda o império português, na segunda metade do século XVIII, o nome do naturalista paduano Domingos Vandelli (1735-1816) se destaca em significativas pesquisas¹ dedicadas a compreender o projeto político-administrativo que ganha curso em Portugal. Aquele momento foi caracterizado pela estreita aliança da ciência da natureza ao pragmatismo econômico. A partir de sua transferência para Portugal, em 1764, Vandelli esteve diretamente envolvido com a instalação e direção dos museus/gabinetes de História natural do Jardim Botânico da Ajuda, em Lisboa, e da Universidade de Coimbra, tornando-se figura central em uma teia de relações que assegurou vínculos entre instâncias do poder monárquico e a elite ilustrada do império luso. Efetivamente foram os naturalistas que assumiram o protagonismo da produção de conhecimento do mundo colonial, sobretudo a partir do reinado de D. José I (1750-1777), quando se estabeleceram imbricadas relações, a serviço dos interesses do Estado, entre viagens filosóficas, coleta e formação de coleções/informações dos domínios ultramarinos – espécimes animais, vegetais, amostras minerais, objetos, acompanhados de memórias e relatos –, instituições e estratégias de desenvolvimento científico, incluindo museus e jardins botânicos.

Este artigo propõe analisar a trajetória de Domingos Vandelli, compreendendo-a como estruturante e referencial de práticas colecionistas engendradas no império luso-brasileiro. Se é fato que a historiografia se debruçou sobre o seu papel na orientação das viagens filosóficas, ainda são poucos os estudos que se dedicam à sua contribuição específica para a história das coleções e dos museus. Exponente na rearticulação da lógica imperial no contexto das reformas pombalinas, Vandelli atuou como uma espécie de mediador entre dois mundos: viabilizou o intercâmbio entre Portugal – centro colecionador, que opera uma ciência da natureza direcionada a reunir informações que nutriam o domínio e o poder em territórios além-mar – e a periferia, os domínios colonizados, convertidos em lugares a colecionar, descobrir, decifrar, explorar.²

Para compreender a trajetória de Vandelli como expressão da mediação entre o centro e a periferia, o artigo elege três perspectivas. Numa primeira abordagem, recua ao período de sua formação na Universidade de Pádua, ainda pouco estudado pela historiografia. É nesse momento que ele se insere em redes de sociabilidade que envolviam universidades, coleções, museus e sujeitos na produção do conhecimento, em uma Europa contagiada pelo ideário do Iluminismo. Neste ambiente Vandelli

compreende que os museus, àquele tempo, seriam fundamentais para fortalecer a filosofia natural, tanto na perspectiva do ensino e da formação de naturalistas, quanto como espaço que permitia as operações intelectuais necessárias ao conhecimento das produções da natureza.

A transferência e permanência de Vandelli em Portugal constitui outra abordagem do artigo. Em Lisboa, uma nova perspectiva se descortina em sua trajetória, projetando seus conhecimentos no terreno da administração colonial. É possível afirmar que Vandelli fundamentou, por distintos caminhos – seja pelos escritos, pela prática docente ou à frente de instituições –, uma cultura colecionista e museológica em Portugal. Sua atuação nessa vertente se inicia com a recomendação, no âmbito da reforma dos estatutos da Universidade de Coimbra, de criar o Laboratório Químico, o Horto Botânico, o Museu e o Gabinete de História Natural. Eram espaços auxiliares indispensáveis à viragem desejada em direção ao pensamento iluminista e às práticas científicas em Portugal. Segue-se uma vasta produção acadêmica em que Vandelli sistematiza concepções, interesses e “regimes” da História Natural. São instruções e memórias que buscaram orientar a observação, o registro, a coleta e a remessa de amostras da natureza, e que instruíram as viagens filosóficas. As orientações contidas nesses escritos, bem como a formação de naturalistas na Universidade de Coimbra, tiveram como desdobramento a sistematização e a disseminação de práticas colecionistas em toda a extensão do império português. É prova disso a profusão de memórias escritas por seus discípulos, naturalistas viajantes ou radicados em diferentes territórios. Agentes vinculados diretamente à administração nas colônias também passaram a se ocupar de práticas naturalistas, sobretudo da coleta e do envio de amostras, o que demonstra o alcance do movimento guiado pela ciência ilustrada e legitimado como um projeto da política administrativa portuguesa, nos quadros das reformas pombalinas.

Cardoso reconhece em Vandelli um importante articulador da História Natural enquanto um campo de conhecimento associado à política e à economia, o que implicou aliar sua trajetória à conformação de instituições capazes de abrigar e sustentar a prática naturalista.³ Na conjugação entre ciência e desenvolvimento econômico e social da nação, dois modelos de instituições emergem, como destaca Braga: os jardins botânicos, destinados à aclimação de plantas, e os museus de História Natural que possibilitavam a educação filosófica.⁴

Embora ocorressem em estabelecimentos fixados em Portugal – centro do poder –, as práticas naturalistas ensejadas nessas instituições ressoaram em todo o império, porque visavam justamente esquadriñar todos os domínios coloniais, sobretudo o Brasil. É nessa direção que se delinea a última vertente de análise do artigo, ao problematizar como Vandelli insere a América portuguesa nessa rede articulada pela História Natural. Da observação à coleta de amostras e espécies, do registro escrito ou iconográfico ao envio de remessas para Lisboa, é possível identificar o papel de destaque do Brasil no processo de sistematização e consolidação de práticas naturalistas.

Entre Itália e Portugal

Domingos Vandelli nasceu em 1735, em Pádua, Itália. Era filho de Girolamo Vandelli, professor de cirurgia da Universidade de Pádua, e sobrinho de Domenico, matemático e geógrafo em Modena. Pelo Colégio Veneto Artista laureou-se em Filosofia Natural e Medicina, em 1756. Juntamente com Bartolomeo Lavagnoli (1678-1765), professor de medicina, realizou em 1758 estudos químicos das águas termais na região de Abano. Em Pádua produziu um conjunto de publicações, incluindo o *Tractatus de thermis agri Patavini*.⁵

Em sua trajetória na Itália, Vandelli se inseriu em uma rede de sociabilidade científica, envolvendo contatos com universidades e com naturalistas europeus eminentes. A partir de 1759 passou a se corresponder com Carlos Lineu, atividade que manteve até a morte do naturalista sueco, em 1773.⁶ A análise dessas correspondências permite marcar importantes momentos da trajetória de Vandelli, inclusive o deslocamento de seus interesses. A descrição de uma tartaruga (*Testudo coriacea*, hoje denominada *Dermochelys coriacea*) doada pelo papa Clemente XIII ao Museu de História Natural do Studio Patavino e remetida a Lineu o insere no primeiro degrau de uma carreira acadêmica.⁷

Vandelli conviveu com professores da Universidade de Pádua, tendo se aproximado particularmente de Vallisneri Antonio Junior (1708-1777). Este foi o primeiro docente da cátedra de História Natural instituída pelos reformadores do Studio Patavino, em 1759. Dedicou-se inicialmente a recolher as obras editadas e manuscritas de seu pai, o médico e naturalista Antonio Vallisneri (1661-1730), que iniciara em 1700 sua trajetória como docente, tendo uma atuação importante no processo de renovação das ciências. Além dos escritos, Vallisneri Junior dedicou-se também à coleção constituída por seu pai, a qual foi doada ao Studio Patavino após a sua morte.⁸ Essa

coleção, transferida para o Palazzo del Bò, transforma-se em laboratório para o ensino de História Natural e provavelmente no primeiro museu anexo à uma universidade.⁹

A proximidade com Vallisneri Junior foi certamente fundamental para que Vandelli se orientasse para o estudo naturalístico. Há inclusive vários indícios que demonstram uma relação colaborativa dentre os quais, o estudo que realizaram, sobre a regeneração de lombrigas e pólipos de água doce.¹⁰

Vandelli também se dedicou, durante sua permanência na Itália, ao colecionamento. Constituiu uma coleção significativa, registrada no *Conspectus Musei Dominici Vandelli*, composta de objetos arqueológicos e exemplares biológicos, mineralógicos e paleontológicos. Contou com colaboradores que lhe faziam remessas da própria Itália, da Alemanha, da Grécia e do Egito.¹¹ A dedicação à prática colecionista firmou Vandelli tanto como um naturalista no exercício de observação da natureza ou “em viagem filosófica”, quanto lhe permitiu estabelecer uma rede de colaboração, ainda que incipiente. Muito provavelmente, a coleção conferiu a Vandelli uma posição de destaque, projetando-o para além do círculo de Pádua.

É nessa perspectiva que Vandelli cogitou, em 1763, instalar-se em São Petersburgo. Escreveu a Lineu pedindo-lhe que interviesse a seu favor perante a Corte na Rússia. Com a pretensão de dedicar-se à História Natural naquela cidade, solicitou a Lineu que também enviasse o *Conspectus* de sua coleção reunida em Pádua.¹² Além de assinalar prestígio, tudo indica que a coleção desempenhava o importante papel de atestar a diligência de seu titular no campo das ciências da natureza.

A atividade epistolar que mantém com Lineu certamente foi decisiva para alargar os interesses de Vandelli, instigando seu desejo de se mudar de Pádua. A transferência para São Petersburgo não se concretizou, a despeito de várias solicitações de apoio que encaminhou a Lineu. Ao final do ano de 1764, o naturalista italiano escreveu a Lineu comunicando sua mudança para Portugal. Na carta, pedia desculpas pelos meses de “silêncio”: “não queria que minhas cartas chegassem a ti sem nenhum presentinho, e por isso esperava até que tivesse algumas sementes do Brasil, que agora receberás”.¹³ Nessa mesma correspondência, o italiano comenta seu desejo de conhecer a América, o que lhe permitiria remeter a Lineu amostras e espécimes naturais. Também faz uma breve descrição de suas primeiras impressões de Lisboa: das formações das colinas, dos espécimes de ostras e mexilhões, e de plantas, que listou observando as imediações da cidade. Em resposta, Lineu afirma: “Tomara que possas mesmo ir ao

Brasil, terra que ninguém calçou, exceto Marcgraf, com seu servidor Piso, quando ainda não havia um facho de luz aceso na História Natural, e por isso tudo deve ser descrito de novo à sua luz”.¹⁴

A recepção positiva de Lineu à notícia da transferência de Vandelli para Lisboa possivelmente funcionou como estímulo para que o naturalista paduano decidisse permanecer em Portugal. Em correspondência para Vandelli, Lineu demonstra seu entusiasmo com as possibilidades de exploração da natureza representada pela América:

Estarás mais apto que os outros, tu que estás bastante firme no que diz respeito à natureza, incansável no inquirir, extremamente hábil no retratar os exemplares mais belos (...). Se portugueses e espanhóis conhecerem os bens da sua natureza, quão infelizes serão os outros, que não possuem, terras exóticas.¹⁵

Essas e outras correspondências dão mostras de expectativas partilhadas por naturalistas em relação à América, sobretudo ao Brasil. As amostras provenientes de “terras exóticas” descortinavam um novo mundo a ser descrito, desenhado, abreviado por coleções, sobre as quais a História Natural poderia agora lançar a luz do conhecimento científico.

A mudança de Vandelli para Portugal significava aproximar-se de um vasto império colonial, de uma vasta natureza inexplorada, recorrentemente mencionada desde as primeiras correspondências. Um exemplo disso é a carta de 1763, em que Lineu, referindo-se ao Horto Botânico de Pádua, inquiriu Vandelli a respeito de amostras brasileiras que haviam chegado às mãos de professores paduanos: “Intriga-me de onde o Dr. Arduino pôde adquirir tão belas e raras plantas brasileiras. Mas, de onde as obteve Pontedera?”.¹⁶ Vandelli responde:

Pontedera ganhou as belíssimas plantas brasileiras do padre Panigaj, da Sociedade de Jesus, que atualmente reside no Vêneto e que treze anos atrás partiu para o Brasil por ordem do rei de Portugal. E Pontedera obteve outras plantas de irmãos missionários chineses e de amigos da Inglaterra, da Holanda, da Alemanha, da Sicília; e, com o maior dispêndio, coletou plantas alpinas por intermédio de herboristas, os quais frequentemente mandava a altíssimas cordilheiras. Pontedera jamais publicou as plantas, ainda que descritas por ele com exatidão, porque decidira prover a *Historian Horti Patavini* com estas novas plantas e com uma rara e peculiar coleção de gramíneas.¹⁷

Se para Vandelli a mudança para Lisboa era auspiciosa, ele também reconhecia dificuldades que enfrentaria quanto à recepção da História Natural em Portugal.

A rainha aprecia a História Natural. Grande administrador deste reino, nosso colega, de Oeiras, reconhece a sua utilidade e a tua grandeza. Mas o vulgo daqui considera a História Natural mera curiosidade, e quase todos julgam o estudo adequado apenas para que as horas sejam gastas e que haja algum deleite para a

alma; não creem que a utilidade percebida por esse estudo possa ser grande a ponto de ele dever ser cultivado por muitos.¹⁸

Vandelli seguiu para Portugal levando, é claro, a experiência que acumulara na Itália, onde havia construído seu reconhecimento como naturalista. Em particular a influência do Studio Patavino no ensino experimental e na compreensão do lugar ocupado pelas ciências da natureza repercutiu em suas proposições a respeito da concepção de universidade e de estruturas indispensáveis ao estudo da natureza.

Dois anos após sua transferência, Vandelli comenta com Lineu sua decisão de permanecer em Lisboa, sendo nomeado como “Real Professor de História Natural”.¹⁹ Iniciava a construção de um jardim botânico, e para isso solicitou a Lineu o envio de plantas e sementes. Também se referiu ao seu empenho na construção de um laboratório químico, onde poderia “realizar experimentos sobre terras, minerais e pedras deste reino, da África e do Brasil”.²⁰

Em 1773 escreveu a Lineu descrevendo o quanto havia sido bem-sucedido na realização de seus planos. Destacava o sucesso da reforma da Universidade de Coimbra, sob direção do Marquês de Pombal, e o quanto a iniciativa refletia os aspectos filosóficos do Iluminismo. A carta foca a expulsão dos Jesuítas da direção da universidade, o que possibilitou introduzir e dar relevo às ciências. Vandelli comenta que Pombal não só havia determinado a reestruturação do currículo como também das edificações universitárias:

E não só determinou o retorno à língua grega e às outras línguas do oriente, como restituiu à Universidade, para ampliação do Real Colégio dos Nobres, sua sede, iniquamente usurpada da utilidade pública pelos festivos noviços jesuítas; (...) Se considerarmos os espaços, ele converte o próprio domicílio de crimes e fraudes, menos digno da igreja do que da cidade, em hospitais, museus e laboratórios químicos, locais que outras universidades também costumam dedicar às ciências.²¹

Ainda sobre o êxito da reforma universitária, Vandelli analisa o quão importante foi a iniciativa de Pombal, que: “depôs os antigos professores, selecionou outros para o ensino das novas ciências; todos italianos”. Nesse contexto de mudanças Vandelli sublinha sua adesão ao projeto, marcada pela doação do seu próprio “museu” à Universidade de Coimbra, na expectativa de que posteriormente também fosse incorporada sua coleção deixada em Pádua.

Ideias e práticas naturalistas e a utilidade dos museus

Não se pode refletir sobre o papel dos museus na trajetória de Vandelli sem considerar que eram instituições implicadas na própria lógica da produção de conhecimento da História Natural ou, de forma mais ampla, da filosofia natural, de orientação iluminista. As coleções selecionam, classificam, inscrevem, dão a ver, permitindo um controle intelectual sobre fenômenos e realidades que se quer conhecer. Contudo, é preciso também admitir o quanto a economia – em particular para o caso analisado aqui, os desafios da exploração dos domínios portugueses – ditou as configurações e dinâmicas de coleções e conhecimentos científicos produzidos no século XVIII e início do XIX.

Isto explica a profusão de textos produzidos por naturalistas – instruções, memórias, relatos, diários, correspondências – que buscavam fundamentar tanto a História Natural e suas práticas, quanto os espaços de colecionamento. Como um homem de ciência de seu tempo, Vandelli em vários textos manuscritos ou impressos dedicou-se a dar contornos conceituais à História Natural e conseqüentemente aos gabinetes e museus.

Alguns desses textos são particularmente reveladores da interdependência entre o pensamento museológico de Vandelli, vinculado à filosofia natural iluminista, e a estruturação de um projeto político. Ciência, História Natural e museus amalgamaram-se em nome do conhecimento da natureza e do seu uso, prestando-se aos interesses que buscavam operar transformações no império luso.

No manuscrito Memória sobre a utilidade dos Muzeos d’Historia Natural²² é possível problematizar os sentidos superpostos pela intersecção entre História Natural e museus. É significativo, por exemplo, o uso da expressão “ciência dos museus” por Vandelli.

O texto inicia-se sublinhando as mudanças da História Natural no século XVIII e como os museus e coleções estavam implicados nesse processo: “Neste século a História Natural é mais cultivada, que nos passados, o que demonstram as grandes, e interessantes descobertas, e o avultado número de museus”. A mudança de regime da História Natural acabava, na perspectiva vandelliana, por transformar o interesse colecionista: “No passado século, e no princípio do presente havia muitos museus de medalhas, dos quais agora há poucos, e se preferem os da História Natural”.²³

Embora se refira às transformações no campo da ciência que se materializavam em espaços de colecionamento, Vandelli faz referências ao longo do mesmo documento

à ideia de que o conhecimento das “produções naturais” repercutia na “felicidade humana”. Sobre o *locus* de cultivo da História Natural, Vandelli informava como essa ciência foi se conformando. Apontava, para isso, as transformações nas práticas e nos interesses colecionistas que recaíam na constituição de museus e gabinetes de história natural.

A análise da escrita dessa memória não deve desconhecer o contexto de sua produção, marcado pela empreitada editorial do projeto enciclopédico. A *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*,²⁴ composta por dezessete volumes de textos e onze de ilustrações, publicados entre 1751 e 1772, conformava-se em projeto político e intelectual, cujas intenções eram sobretudo deslocar hierarquias na composição do conhecimento e “integrar as artes (as técnicas) e as ciências no corpo de um saber que se quer útil, imediato e geralmente fruível”.²⁵ De um “ramo deficiente” na árvore baconiana, a História Natural passaria a ocupar “uma vasta área da árvore enciclopédica, constituindo a parte mais extensa e original da *Encyclopédie* em si”.²⁶

É, portanto, nessa sistemática da enciclopédia que se posiciona o verbete “História Natural”. Seu autor, anunciado no “Discours préliminaire des éditeurs”, Louis Jean Marie Daubenton (1716-1800) dedicou-se a perscrutar e sugerir conexões, conferindo uma nova configuração a esse ramo do conhecimento. Quando se compara o verbete ao da memória, percebem-se sobreposições de sentidos e ideias, resultantes do esforço de delinear a História Natural naquele momento. Vandelli sinaliza que, como “conhecimento dedicado às produções da natureza” e que “abrange todo o universo”, a História Natural “se dividiu em vários gêneros de ciências, as quais muitas vezes se confundem. Anatomia, Medicina, Economia, e muitas artes são ramos desta vasta ciência, que se divide em Zoologia, Botânica, e Mineralogia”.²⁷ Observadas as convergências, é possível inferir que as ideias apresentadas no texto da *Encyclopédie* faziam parte do ateliê de pensamento de Vandelli.

Ambos os textos são construídos sob a argumentação de uma finalidade pragmática no estudo da natureza. Para Daubenton, “a Botânica é um dos principais ramos e dos mais amplos da História Natural”. Ele argumenta que a nomenclatura é apenas parte da sua História Natural, mas “parece ter sido o principal objeto de estudo dos botânicos; a maior parte deles apenas se aplicaram a fazer denominações”. Para ele, o mais difícil e importante desse ramo da História Natural não é nomear, mas

(...) conhecer as suas características, (...) saber cultivar as plantas úteis e destruir as que são nocivas, (...) observar a sua formação e todas as partes que

concorrem para a organização vegetal; eis até onde se estendem a Botânica e a História Natural das plantas.²⁸

A utilidade das investigações da Botânica é também destacada nas memórias vandellianas:

O saber pois o nome somente das plantas não é ser botânico; mas além disso o verdadeiro botânico deve saber a parte mais dificultosa, e interessante que é conhecer as suas propriedades, usos econômicos, e medicinais; saber a sua vegetação, modo de multiplicar as mais úteis, os terrenos para isso mais convenientes, e o modo de fertilizá-los.²⁹

Após apresentarem o *corpus* da História Natural, os interesses que mobilizavam aqueles envolvidos com o conhecimento dos três reinos da natureza e os modos de fazer, destacando a amplitude dessa ciência, ambos os autores propõem para a formação de naturalista a constituição de gabinetes de História Natural. Para Daubenton, os gabinetes permitiam observar o mundo que se queria conhecer, diminuindo distâncias e riscos em favor da ciência:

Mas encontramos maneira de diminuir e nivelar a superfície da Terra a favor dos naturalistas; recolhemos indivíduos de cada espécie animal e vegetal e amostras de minerais nos gabinetes de história natural. Temos aí produções de todos os países do mundo e por assim dizer um apanhado da Terra inteira. Estas produções apresentam-se em catadupa aos olhos do observador; pode aproximar-se dos animais mais selvagens e ferozes sem esforço e medo; os pássaros mantêm-se imóveis, os corpos dos rios e dos mares são exibidos em todas as partes; entrevemos até os mais pequenos insetos; descobrimos a estrutura interior dos animais considerando os seus esqueletos outras partes internas dos seus corpos; vemos ao mesmo tempo as raízes, as folhas, os frutos e as sementes das plantas; tiramos minerais do seio da terra para os colocar em destaque. Quem quer que tenha a ambição e o desejo de se instruir, deve neste aspecto sentir-se feliz por viver num século tão favorável às ciências, e sentir um novo fulgor pela história natural.³⁰

A mesma preocupação relacionada à formação dos naturalistas é apontada por Vandelli:

Ainda que nas universidades hajam cadeiras de História natural, estas não podem servir mais que de preliminar ao estudo desta ciência; porque a maior parte do tempo se ocupa na explicação dos termos, e do sistema. (...) Por isso os iniciados neste estudo em um museu bem disposto, e bem dirigido se podem formar excelentes naturalistas úteis ao Estado.³¹

Vandelli é perspicaz ao apontar essa articulação necessária entre a universidade, gabinetes e museus de história natural e a formação de naturalistas que comporiam os quadros administrativos do Estado: “Que utilidade pode o Estado, e o príncipe tirar de homens, que nunca examinaram as produções da natureza, e que somente instruídos em ciências especulativas, ou de legislação, se ocupam em presidir às minas, casas de moedas, agricultura, e manufaturas?”³² Ao estabelecer essas correlações, Vandelli

corroborar e legitimar um projeto político, chegando mesmo a sugerir um processo de ruptura, que em parte ganha curso nos quadros administrativos portugueses.

Circulação de ideias e espécimes

A complexidade do alcance das formulações e da atuação de Vandelli pode ser também observada pelo diálogo que ele mantinha com diferentes agentes político-administrativos que atuavam na estrutura do Estado português na virada do século XVIII para o XIX.³³ A esse respeito é interessante analisar correspondências trocadas entre Vandelli e funcionários portugueses, especialmente aqueles que foram enviados ao Brasil. Esses documentos atestam o trânsito de coleções coloniais para Portugal e, além da descrição das remessas, dão notícias também das providências para coleta, armazenamento e transporte, evidenciando procedimentos alinhados às diretrizes que orientavam a prática naturalista.

Se as memórias são fundamentais para compreender essa orientação, as correspondências são importantes para perceber as ideias em circulação naquele período. O cruzamento entre as correspondências de Lineu e Vandelli e deste com funcionários da coroa portuguesa revela como o italiano inseria o império português em uma rede de colaboração internacional.

É emblemática dessa circularidade uma sequência de correspondências que colocam em contato pessoas, lugares e objetos coletados, aproximando dois mundos – a Europa e a América portuguesa – tão distantes geográfica e culturalmente. A primeira é enviada de Upsala, Suécia, para Lisboa: “Acaso poderias interceder junto aos teus mecenas portugueses e obter exsicatas de jalapa, ipecacuanha, e *Balsamus peruvianus*, que sem dúvida existem no Brasil deles?”. Lineu justifica o pedido comentando os usos que se faziam dessas plantas e as possibilidades de retorno financeiro.

Os arquiátros de São Petersburgo adquiriram para si a minha espécime de *Spigelia*, e curam com ela quaisquer vermes; a dose da erva chega a um ducado. Tu que vives em Portugal, ao qual pertence o Brasil, onde a espécie nasce espontaneamente, podes adquirir uma enorme quantidade de exemplares e vender com alto lucro para a Europa: jamais faltariam compradores, pois ela não pode ser cultivada nos hortos de modo lucrativo, visto que exige um solo muito quente. Poderias adquirir uma fortuna fazendo apenas isso.³⁴

Em resposta Vandelli promete o envio, porém é enfático nas ressalvas a respeito da dificuldade em obter amostras provenientes do Brasil.

Comprarei um espécime de jalapa proveniente de Madeira, mas outras plantas da América não são encontradas tão facilmente. Se me fosse permitido ir à

América, coletaria estas e outras espécies – principalmente a tua espécie de *Spigelia*, pela descrição da qual rendo-te os maiores agradecimentos.³⁵

Contrariando suas previsões, Vandelli recebe uma carta datada de 1^o de novembro de 1770, enviada por Luiz Pinto de Souza do forte de Bragança, na capitania de Mato Grosso, com informações sobre remessas realizadas:

Senhor Domingos Vandelli. Por várias vezes tenho procurado o gosto das suas boas notícias, tanto por via do Pará, como do Rio de Janeiro remetendo-lhe por ambas as direções alguns pequenos efeitos de História Natural, da produção destes Países, porém, como não tenho obtido até o presente notícia alguma de Vossa Mercê, fico ainda na incerteza se lhe terão sido entregues. Pela presente ocasião, remeto ao meu correspondente Paulo Jorge uma boceta com a semente de Jalapa, que lhe recomendou o Senhor Lineu, como também a casca de uma planta da produção desta Capitania, cousa semelhante a quina; a qual produz aqui os mesmos efeitos, tirando as sezões com felicidade para que Vossa Mercê possa fazer as experiências que julgar mais proporcionadas.³⁶

A correspondência evidencia o desenvolvimento e a sistematização do intercâmbio estabelecido pelo naturalista. É possível perceber que não apenas havia uma constância de contato entre Luiz Pinto de Souza e Vandelli, como o agente da administração estava a par dos princípios e dinâmicas da História Natural, demonstrando inclusive conhecimento das expectativas expressas por Lineu.

Tenho pedido da província de lá do Peru, que se me tem prometido; e em chegando a remeterei a Vossa Mercê, assim como também as diferentes espécies de ipecacuanha do Brasil, que não nesta capitania: espero que Vossa Mercê se não esqueça de mandar dizer, se tem outro nome em Portugal, a celebrada *Spigelia* do Senhor Lineu, o qual dizendo que é muito comum em todo o Brasil, senão pode até agora descobrir por esse nome; e mais seguro seria, que Vossa Mercê me mandasse o debuxo dela, para se poder reconhecer com mais facilidade.³⁷

Perante as dificuldades de identificar as espécies, a carta evidencia a importância de fixar uma nomeação “científica” e a necessidade de registro, seja pela descrição ou por desenhos. Luiz Pinto de Souza solicita a Vandelli o envio de desenho como recurso mais eficiente, o que por certo facilitaria trocas de informações com a província do Peru, como pretendia. Ao mencionar contatos para além do império português, a carta é um indício de que a prática naturalista ultrapassava as fronteiras demarcadas pelos impérios. Tratava-se de um gesto movido por razões científicas, embora pudesse ter desdobramentos políticos, afinal, o que estava em jogo era um saber a serviço da riqueza das nações.

As coletas e remessas se davam efetivamente sob a orientação do conhecimento, ainda que estivessem a cargo de funcionários da administração. Em correspondência de 1772, Vandelli relata a Lineu atividades de Luiz Pinto que não deixam dúvidas quanto ao seu domínio da História Natural: “Luiz Pinto, de Balsemão, cavaleiro de Malta e governador do Mato Grosso, no Brasil, organizou a partir do teu sistema uma obra botânica ilustrada. Ele escreveu que a trará para mim quando retornar. É o único português que se ocupa de Botânica”.³⁸

Em direção à inversão do olhar

Problematizar a história das coleções na América portuguesa exige percorrer caminhos de mão dupla: de uma nação europeia a outra, do velho continente ao novo mundo, de idas e vindas atlânticas de pessoas, ideias, objetos. Seguir esse trânsito exigiu também cruzar documentos. Fontes pouco exploradas, confrontadas com documentos já contemplados pela historiografia, permitiram reposicionar a história dessas coleções constituídas no âmbito da América portuguesa. É sob essa ótica que o artigo revisita a figura de Domingos Vandelli e o identifica como um mediador de dois mundos, foco de numerosas pesquisas no campo da história das ciências e dos museus portugueses. O que se busca é reconhecê-lo como sujeito de ações determinantes para a história das coleções e dos museus no Brasil. Ao se alterar a perspectiva, percebe-se que coube a ele – como um dos principais orquestradores da inserção da ciência da natureza na dinâmica administrativa do império português – introduzir as práticas que deram origem às coleções brasileiras institucionalizadas no continente europeu.

Inverter o sentido do olhar implica precisamente focalizar a trajetória do naturalista na perspectiva do surgimento, a partir dos contatos coloniais, do que se pode identificar como coleções brasileiras constituídas sob orientação do pensamento ilustrado, investido da tarefa de entender cientificamente a América portuguesa. Vandelli fez mediações entre a ciência ilustrada e a corte portuguesa, entre a Itália e Portugal, entre naturalistas europeus e agentes da administração colonial. Sua trajetória se mostra complexa e atravessada pelas experiências de naturalistas do porte de Carlos Lineu e Antonio Vallisneri. Ao mesmo tempo que dialogou com os enciclopedistas, orientou práticas naturalistas de uma gama de funcionários coloniais.

A correspondência triangulada entre Lineu, Vandelli e Luiz Pinto de Souza é emblemática das sucessivas mediações entre o centro e a periferia, viabilizadas pelo naturalista paduano. Mas esse é um dentre tantos outros casos que certificam a extensão

das remessas do Brasil para Portugal. Se no caso analisado o governador do Mato Grosso se correspondia diretamente com Vandelli, outros funcionários atuaram no Brasil amparados no método da ciência aprendido com ele, na Universidade de Coimbra. Por exemplo, José Vieira Couto (1752-1827), aluno de Vandelli em Coimbra, posteriormente funcionário da Real Extração, na região das Minas, que pautou o exercício de seu cargo em conhecimentos da História Natural, chegando a se ocupar com remessas para Portugal.³⁹

Este artigo não pretendeu se debruçar sobre as contribuições de Vandelli circunscritas à constituição dos espaços museológicos em Portugal ou como docente na Universidade de Coimbra, tampouco como autor de memórias e instruções que sistematizaram seu pensamento. Todos esses aspectos, cruciais em sua trajetória e já amplamente estudados, são tomados como cenário determinante de sua atuação, espécie de pano de fundo que sustentou a reverberação de suas ações em todo o império. Com isso, pretendeu-se tão somente rastrear os vestígios que atestam esses contatos, e analisá-los à luz de uma proto-história das coleções brasileiras, compreendendo as dinâmicas que regeram as práticas naturalistas e colecionistas na América portuguesa. Como na gramática da “zona de contato”, de Mary Louise Pratt,⁴⁰ observa-se que o colecionamento da História Natural logrou reunir sujeitos, territórios e objetos provenientes de universos tão distantes histórica quanto geograficamente, como a Europa iluminista e a América colonizada. São contatos que estabeleceram relações “entre colonizadores e colonizados, ou viajantes e visitados”, que se constituíram “(...) em termos de presença comum, interação, entendimentos e práticas interligadas, frequentemente dentro de relações radicalmente assimétricas de poder”.⁴¹

¹ Dentre elas destacamos: BRIGOLA, João Carlos Pires. *Coleções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. PEREIRA, Magnus Roberto de Mello e CRUZ, Ana Lúcia Rocha Barbalho da (Org.) *Os naturalistas do império: o conhecimento científico de Portugal e suas Colônias (1768-1822)*. Rio de Janeiro: Versal, 2016. PATACA, Ermelinda Moutinho. “Coletar, preparar, remeter, transportar práticas de História Natural nas viagens filosóficas portuguesas (1777-1808)”. *Revista Brasileira de História da Ciência*, São Paulo, vol. 4, 2011. p. 125-138.

² A ideia de museu como zona de contato, de James Clifford (1999), é adequada para compreender essas relações entre centro e periferia. O autor toma emprestado o conceito de zona de contato de Mary Louise Pratt para analisar museus e coleções como zonas de encontros coloniais entre centro e periferia, envolvendo sempre relações assimétricas de poder. CLIFFORD, James. “Los museos como zonas de contato”. In: Idem. *Itinerarios transculturales*. Barcelona: Gedisa, 1999. p. 233-270.

³ CARDOSO, José Luis (Coord.). *Memórias de História Natural*. Porto: Porto, 2003.

⁴ BRAGA, Isabel Drumond. “Luzes, natureza e pragmatismos em Portugal: o contributo da Real Academia das Ciências no século XVIII”. *Tempo*, Niterói, vol. 22, nº 41, set./dez. 2016, p. 551-565

⁵ VANDELLI, Domingos. *Tractatus de thermis Agri Patavini*. 1761.

⁶ Essas correspondências foram traduzidas e publicadas em: MARTINS, Ana Paula e MARCIER, Luiza (Orgs.). *De Vandelli para Lineu. De Lineu para Vandelli: correspondência entre naturalistas*. Rio de Janeiro: Dantes, 2008.

⁷ Ver correspondência de Vandelli para Lineu em janeiro de 1760 (Ibidem, p. 32). Sobre a tartaruga, hoje sob a guarda do Museu de Zoologia da Universidade de Pádua, ver: TURCHETTO, Margherita e NICOLOSI, Paola. *Storie di tartarughe e di papi*. Padova: Università di Padova e Canova, 2008.

⁸ Sobre informações biográficas ver: NEGRO, Del Piero (Org.). *Dizionario biografico dei docenti e degli studenti dell'Università di Padova*. Padova: Editora da Universidade de Pádua, 2015.

⁹ Sobre esse aspecto ver: TURCHETTO, Margherita. “Antonio Vallisneri Junior (1708-1777)”. In: TURCHETTO, Margherita e NICOLOSI, Paola, Op. cit..

¹⁰ Ver: CASELLATO, Sandra. “Storia Naturale Antonio Vallisneri Junior”. In: CASELLATO, Sandra e REA, Luciana Sitran. *Prodessori e scienziati a Padova nel Settecento*. Padova: Universidade de Pádua; Antilia, 2002.

¹¹ ACERVO CONSPECTUS MUSEI. Dominici Vandelli, cota: B.96.26, Biblioteca Universitária de Pádua (Pádua), 1763.

¹² Ver correspondência de Vandelli para Lineu em 28 de dezembro de 1763 (MARTINS e MARCIER, Op. cit., p. 51).

¹³ Carta de Vandelli a Lineu em 15 de outubro de 1764 (Ibidem, p. 54).

¹⁴ Carta de Lineu a Vandelli em 12 de fevereiro de 1765 (Ibidem, p. 58).

¹⁵ Carta de Lineu a Vandelli em 12 de fevereiro de 1765 (Ibidem, p. 58).

¹⁶ Carta de Lineu a Vandelli em 1^o de outubro de 1763 (Ibidem, p. 48).

¹⁷ Carta de Vandelli a Lineu em 4 de dezembro de 1763 (Ibidem, p. 49).

¹⁸ Carta de Vandelli a Lineu em 3 de setembro de 1765 (Ibidem, p. 70).

¹⁹ Carta de Vandelli a Lineu em 26 de agosto de 1766 (Ibidem, p. 83).

²⁰ Carta de Vandelli a Lineu em 18 de maio de 1772 (Ibidem, p. 104).

²¹ Carta de Vandelli a Lineu em 17 de maio de 1773 (Ibidem, p. 106).

²² Esse texto faz parte do manuscrito *Memórias sobre a utilidade dos Jardins Botânicos, e Muzeus d'História Natural*. Para Brigola (2003), apesar de não ser datada, a obra deve ter sido redigida entre os anos de 1785 e 1788. Essa afirmativa se deve à assinatura de Vandelli acompanhada pela designação “Da Sociedade Real d'Agricultura de Paris”, pois fora aceito como sócio dessa agremiação em 1785. A consulta desse manuscrito foi realizada na Biblioteca da Academia de Ciências de Lisboa (cota: 143/2, série vermelha). Também consultamos a transcrição de Brigola (2003) e Cardoso (2003).

²³ VANDELLI, Domingos, [1785-1788?].

²⁴ D'ALEMBERT, Jean le Rond. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. Paris: Diderot, 1751-1772.

²⁵ SALSANO, Alfredo. “Enciclopédia”. In: IMPRENSA NACIONAL. Casa da Moeda. *Enciclopédia Einaudi: conhecimento*. Porto, 2000. p. 369-432. v. 41, p. 372.

²⁶ DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986. p. 256.

²⁷ VANDELLI, Domingos, [1785-1788?].

²⁸ DAUBENTON, Louis Jean Marie. “Histoire naturelle”. In: D'ALEMBERT, Jean le Rond. *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. Paris: Diderot, 1765. tomo VIII, p. 225-230.

²⁹ VANDELLI, Domingos, [1785-1788?].

³⁰ DAUBENTON, Louis Jean Marie, 1765.

³¹ VANDELLI, Domingos, [1785-1788?]. Esta é uma questão importante para Brigola (2003), que lhe ajuda a “vertebrar” a pesquisa desenvolvida. Ao explicitar a importância dos museus na profissionalização dos viajantes-naturalistas, Vandelli revela seu investimento nesse projeto.

³² VANDELLI, Domingos, [1785-1788?].

³³ Sobre esse aspecto ver: RAMINELLI, Ronald. *Viagens Ultramarinas: monarcas, vassallos e governo a distância*. São Paulo: Alameda, 2008.

³⁴ Carta de Lineu a Vandelli em 19 de novembro de 1765 (MARTINS e MARCIER, Op. cit., p. 74).

³⁵ Carta de Vandelli a Lineu, sem data (Ibidem, p. 75).

³⁶ ARQUIVO MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL E DA CIÊNCIA. Envio de sementes do Brasil, Correspondência Nacional, cota: D3 – CN/S/55, Universidade de Lisboa (Lisboa), 1770.

³⁷ Ibidem.

³⁸ Carta de Vandelli a Lineu em 18 de maio de 1772 (MARTINS e MARCIER, Op. cit., p. 104).

³⁹ A esse respeito ver o artigo que analisa a troca de correspondências sobre remessas para Portugal, articulando contatos entre o chanceler-mor do reino, o governador de Minas Gerais e José Vieira Couto: NEVES, Marta Eloísa Melgaço e JULIÃO, Letícia. Uma proto-história do colecionismo na América portuguesa. In: SEMINÁRIO BRASILEIRO DE MUSEOLOGIA, 1. Belo Horizonte. *Anais...* Belo Horizonte: Sebramus, 2015. v. 1, p. 798-808. Ver ainda: JULIÃO, Letícia; NEVES, Marta Eloísa Melgaço; SEGANTINI, V. C. “Portuguese America: colonial administration and collection practice”. *Icofom Study Series*, Paris, vol. 45, 2017, p. 123-125.

⁴⁰ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.

⁴¹ Ibidem, p. 32.